

Galbraith defende posição forte do Brasil para pagar dívida externa

O Brasil não tem porque adotar uma postura moral diante dos banqueiros em relação à dívida externa. Deve, sim, negociar a partir de uma posição forte, convicção, para fixar o pagamento dos juros num volume razoável e até, se necessário, obter uma espécie de moratória temporária: um período em que suspenderia os pagamentos até reequilibrar a economia.

A opinião foi manifestada pelo famoso economista John Kenneth Galbraith tanto em sua conferência sobre "Dívida e Desenvolvimento" quanto na entrevista que concedeu no Hotel Glória, no Encontro Rhodia/Revista "Exame", na manhã de ontem. O economista chegou a exortar o governo brasileiro a "adotar uma forte posição de barganha na renegociação da dívida externa".

Galbraith disse com todas as letras que os Estados Unidos não estão em posição moral para exigir o pagamento nas condições ideais para os banqueiros internacionais. Isso porque o país, que tomou vultosos empréstimos à Grã-Bretanha no Século passado para financiar obras de infra-estrutura, não pagou muitas dessas dívidas. Ele aludiu à impecável reputação dos canadenses nesse particular para informar que os britânicos estão esperando até hoje o pagamento de empréstimos contraídos pelo país para construção de sua rede ferroviária.

Segundo Galbraith, ele não está fazendo a apologia da moratória e até acha muito difícil politicamente a negociação coletiva da dívida externa latino-americana. Pretende apenas, e volta a fazer blague, que sejam exploradas todas as possibilidades semânticas relacionadas à dívida. Pois, comenta, já não se cogita mais de não pagar os débitos: eles são "reescalonados"; depois, são "rolados"; tornam-se "empréstimos-problema" e, por último, são considerados "ativos não-operacionais".

O professor da Universidade americana de Harvard colocou-se favorável à reserva de mercado para indústrias nascentes de países em desenvolvimento, numa pergunta a respeito das pressões americanas sobre a Informática brasileira. Segundo Galbraith, países jovens sempre foram protecionistas e encontram resistências morais dos desenvolvidos. "Os EUA fizeram o mesmo no Século passado", disse. Para ele, a política certa no Brasil é proteger sua indústria até que ela se sustente em seus próprios pés. Então, o protecionismo deve ser desmantelado.

